

Editorial

A originalidade fundante da psicanálise se apresenta na descoberta de seu objeto por excelência – o inconsciente – introduzindo desse modo a posição do sujeito diante de um outro estranho a si mesmo, “corpo estranho interno”, nas palavras de Laplanche, nos colocando diante da estranheiridade de cada um de nós. O sujeito não tomado como o igual, como unidade, mas em seu caráter paradoxal, discordante, desconhecido instaura a possibilidade do novo, a despeito da tentação de assumirmos nossa condição humana de sermos regidos pela repetição.

O outro, seja ele interno ou externo, aparece e exerce sua função na constituição da subjetividade, à medida que sua presença ao mesmo tempo que perturba também permite que outras sendas se abram ao sujeito. De outra parte, também a experiência analítica nos chama a dar ouvidos ao outro, à novidade como condição de possibilidade de toda e qualquer transformação.

Quisera a alteridade se aliar não ao confronto, às rupturas, mas despertar a alegria da surpresa, a afirmação do diferente, sem precisar para tanto ser desagradadora. Esse horizonte da alteridade se apresenta como condição de construção do novo. Seria antes de tudo a abertura para o estrangeiro, a possibilidade de se conviver com o que há de estranho em mim e no outro – o que significa sempre um abalo nos limites do eu – que, todavia, pode trazer movimento e transformação.

Alter traz em sua origem a marca da diferença. *Alter* por definição representa o “estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente”.

É a partir desses paradigmas que a revista encontra sua justificativa, colocando-se como um lugar de diálogo, de interlocuções. Esses fundamentos repousam na ideia de Virgínia Bicudo¹ quando idealizou a revista: ela teria como

sua finalidade precípua de divulgar conhecimentos de especialistas dos campos das ciências afins, e assim conquistar uma dimensão social e cultural... contribuindo para a divulgação, a comunicação e a integração do conhecimento científico, entre aqueles que trabalham no campo das ciências humanas.

Dessa forma, torna-se possível garantir um lugar para as trocas e abrir novos territórios ao pensamento, ainda que isso muitas vezes implique em discordâncias.

Assim, *Alter* apresenta seu número “interlocuções”. De maneira a manter vivos os fundamentos de sua fundadora, os autores aqui articulam suas reflexões com o pensamento social, a narrativa literária, a criação artística e a produção poética.

Luís Claudio Figueiredo em “Cuidado e saúde: uma visão integrada”, abre a revista situando a psicanálise entre as práticas de cuidado e propondo uma noção de

1 Bicudo, V. (1972). Editorial. *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 2 (1).

saúde individual que possa estar integrada às dimensões biológicas e socioculturais da vida, apostando no potencial do pensamento psicanalítico ir além das vias da psicoterapia psicanalítica.

Tânia Rivera e Luciana Salum, no artigo “Em busca do tempo: interpenetrações entre psicanálise e literatura”, se apoiam na literatura para discorrer sobre a noção de tempo. Para tanto, tomam como companhia Proust, com seu “Em busca do tempo perdido”, destacando a questão da narrativa em psicanálise para articulá-la à temporalidade pela via da angústia desencadeada pela “perda de tempo”, e, com isso, aproximando-a da criação literária.

Maria do Carmo Andrade Palhares em “O psicanalista e seus afetos” discorre sobre as vicissitudes de ser psicanalista hoje, tomando como companheiro de seu percurso aqueles que melhor sabem tratar das profundezas das experiências humanas – os poetas.

Caterina Koltai destaca o lugar fundador da amizade na psicanálise, em “Será que esta lhe é mesmo superior?”, propondo uma aproximação entre a ética da psicanálise e a da amizade, na trajetória pessoal daqueles que passaram por situações traumáticas.

Ignácio Alves Paim Filho em “A moral sexual e o recalque patológico – do excesso ao déficit”, retoma o artigo de Freud “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, privilegiando a abordagem do filicídio, parricídio, e incesto e suas repercussões na estruturação da psique e da cultura no século XXI.

Ivanise Fontes em “A construção silenciosa do ego corporal”, debruça-se sobre a clínica psicanalítica contemporânea, abordando os impasses trazidos por pacientes com organizações narcísicas e as exigências técnicas por eles suscitadas.

Em “O despertar da sensualidade sobre o processo psicanalítico com um jovem”, Maria Cecília Pereira da Silva examina os difíceis percalços atravessados pelo adolescente em sua passagem a novas configurações da sexualidade, questionando sua posição de analista na relação transferencial.

Silvia Helena Heimburger debruça-se sobre a obra de Paula Rego para indicar como a psicanálise e a arte encontram na inscrição da pulsão no registro da simbolização a possibilidade do trabalho de criação e de produção de sentido.

Na seção tradução publicamos o trabalho fundamental de Joan Riviere sobre a reação terapêutica negativa, intitulado “Os arruinados pelo êxito”, gentilmente traduzido por Livia Santiago Moreira e Elisa Maria de Ulhôa Cintra.

Ainda no campo das interlocuções, Patrícia Getlinger e Regina Orth de Aragão, na seção leituras estabelecem um diálogo da psicanálise com o cinema, reafirmando as possibilidades de articulação entre distintos saberes.

Desejamos aos nossos leitores boas conversas com nossos autores.